



Cai ritmo da produção agrícola brasileira

Síntese: A Conab divulgou as primeiras previsões para a produção agrícola de 2011/2012, quando o país deverá colher entre 1,5% e 3,7% menos do que na última safra de grãos. Até alguns anos atrás o motor da economia brasileira, a agricultura tem visto sua força arrefecer. É possível constatar que, ao longo da gestão do PT, o campo experimentou redução significativa no seu ritmo de aumento de produção e produtividade. O setor continua sendo importante para garantir alimentos mais baratos e gerar divisas, mas vem perdendo participação na expansão do PIB nacional.

Até alguns anos atrás, a agricultura foi o motor da economia brasileira. Durante boa parte do governo Fernando Henrique e na primeira metade do governo Lula, o setor primário foi o que exibiu os melhores resultados em termos de crescimento. Este ímpeto tem arrefecido, com o setor de serviços assumindo a ponta da expansão do PIB. É possível constatar que, ao longo da gestão do PT, o campo experimentou uma redução significativa no seu ritmo de aumento de produção e de produtividade.

No início deste mês, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgou as primeiras previsões para a produção agrícola de 2011/2012. Estima-se que o país irá colher entre 1,5% e 3,7% menos do que no último ano-safra, quando foi alcançado o recorde de 163 milhões de toneladas de grãos. O volume pode cair para até 157 milhões de toneladas – a Conab optou por estimar intervalos para variação da safra e não um número único.

Se se confirmarem os prognósticos mais pessimistas feitos pelos técnicos do governo, todas as culturas terão queda de produção no ano que vem – as exceções são as quase inexpressivas lavouras de cevada e triticale. Serão entre 2,4 milhões e 6 milhões de toneladas a menos. Em alguns casos importantes, como soja, feijão, arroz e trigo, os recuos serão bastante expressivos na safra que está começando a ser semeada: 4,2%, 9,4%, 9,5% e 12,8%, respectivamente, sempre considerando o limite inferior das previsões.

Já a produtividade média deve diminuir pelo menos 4,2%. Novamente, as principais culturas apresentarão, na safra que ora se inicia, produção declinante por área plantada. A produtividade das lavouras de arroz pode cair até 7%; a das plantações de feijão, 6,7%; a da soja, 6%; e a de milho, 2,8%, sempre na comparação com o ano-safra 2010/2011.

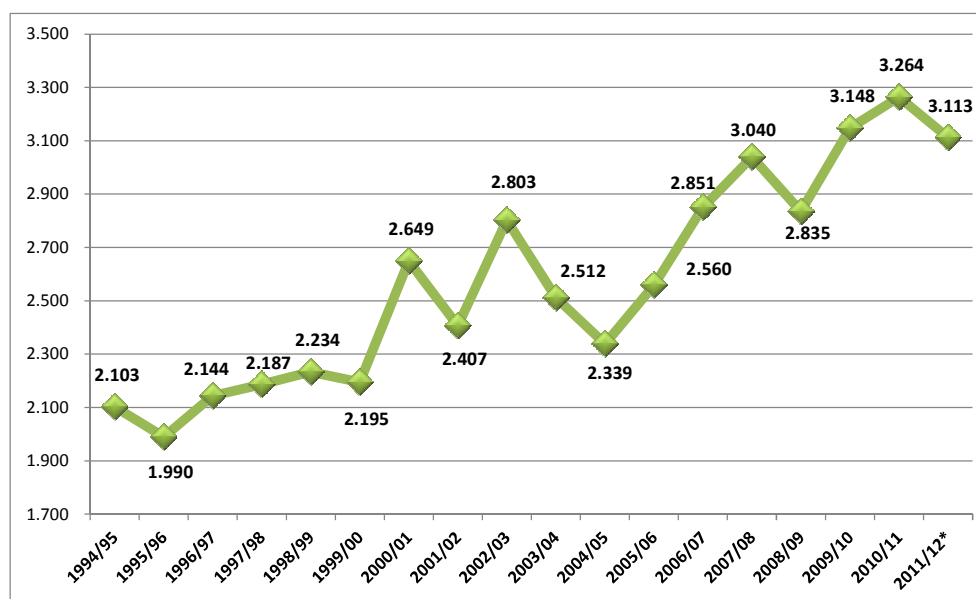
Impactos na inflação

É de se prever que uma das principais consequências da queda na produção e na produtividade agrícolas será sobre a inflação. Com colheitas menores, a oferta ficará mais enxuta, com risco de as cotações serem ainda mais pressionadas para cima, caso a desaceleração mundial não se aprofunde como prevê o governo brasileiro. Pelo balanço entre oferta e demanda divulgado pela Conab, os estoques de arroz, feijão, soja e trigo estarão mais baixos ao final da próxima temporada do que estão agora.

Os alimentos, que respondem por 23% da cesta de consumo do brasileiro, têm figurado como vilões do custo de vida no país. Nos últimos 12 meses terminados em setembro, tiveram aumento médio de 9,93%, enquanto o índice geral medido pelo IPCA foi de 7,31%. A recente valorização do dólar mais que compensou a queda nas cotações internacionais das *commodities* agrícolas, contribuindo para manter elevado o preço da alimentação.

As previsões climáticas para a próxima temporada também não são as mais favoráveis para a expansão da produção. Segundo a Conab, o fenômeno La Niña deve afetar, principalmente, os cultivos feitos na região Sul do país, que responde por 42% da safra brasileira. São esperadas chuvas reduzidas naquela porção do nosso território, especialmente a partir de novembro e dezembro.

Produtividade média de grãos – Brasil (em kg/ha)



Fonte: Conab. *Considera os limites inferiores das estimativas de área e produção

Produtividade perde força

Com a divulgação das estimativas da produção agrícola para o ano-safra 2011/2012, também puderam ser conhecidos os números finais da safra de grãos plantada no ano passado, a última sob o governo Lula. Com eles, é possível fazer um balanço do comportamento do setor primário da nossa economia desde 2003. A redução no ritmo da agricultura fica evidente, principalmente em termos de produtividade média.

Entre 2003 e 2010, a produção agrícola brasileira avançou 32%, com média anual de expansão de 3,6%. No período, o volume saltou de 123 milhões de toneladas para 163 milhões. O que, à primeira vista, pode parecer um excelente resultado perde brilho quando cotejado com o comportamento do campo no período imediatamente anterior.

De 1995 a 2002, a agricultura brasileira elevou sua produção em 52%: a safra passou de 81 milhões para 123 milhões de toneladas. A média anual de expansão no período foi de 5,4%, ou seja, bastante superior à marca obtida pelo governo petista. Exceto nos casos do arroz e do feijão, todas as demais culturas avançaram em um ritmo maior na gestão Fernando Henrique do que na era Lula.

O que aconteceu em termos de produtividade é parecido. Desde 2003, o avanço, considerando todas as culturas de grãos, foi de 16%. Já no governo tucano, o aumento fora de 33%, ou seja, o dobro. Entre uma gestão e outra, a média anual de expansão caiu de 3,7% para 1,9%. Só as culturas de arroz tiveram desempenho melhor – ou seja, seu ritmo de aumento da produtividade se acentuou – no período recente em comparação com a época da administração do PSDB.

Menor importância na economia

Um dos fatores para a queda de produtividade prevista para o próximo ano-safra pode estar na menor utilização de maquinário empregado no cultivo de grãos. A própria Conab prevê, em seu primeiro levantamento da safra 2011/2012, que o mercado doméstico de máquinas agrícolas cairá 8% em relação ao ano anterior. “A queda é decorrência da falta de estímulo dos programas governamentais, principalmente do Mais Alimentos”, escrevem os técnicos, citando prognósticos da indústria de implementos.

A agricultura brasileira é hoje menos forte do que era há pouco tempo e também tem sido o setor de pior desempenho entre os que compõem o PIB nacional. Até o segundo trimestre deste ano, sua taxa anualizada de crescimento (acumulada em quatro trimestres) foi de 2,6%, enquanto a indústria marcou 4,4% e os serviços, 4,2%. No acumulado nos seis primeiros meses deste ano, enquanto o campo exibe alta de apenas 1,4%, o setor secundário alcança 2,6% e o terciário, 3,7%.

O sucesso da agricultura é importante por vários fatores, mas dois deles são especiais: garantir mesa farta e alimentos mais baratos para os brasileiros e gerar divisas para o país, o que a pujante balança comercial do agronegócio continua a obter. Mas o ministério encarregado de cuidar do setor também se tornou peça do jogo de interesses político-partidários praticado na Esplanada, tendo protagonizado alguns dos episódios recentes da novela de escândalos de corrupção que se desenrola na gestão Dilma Rousseff. É preciso cuidado para que esta verdadeira “galinha dos ovos de ouro” não pare de produzir.



“Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV” é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.